RESENHA

GOLDSWORTHY, Graeme. **Pregando toda a Bíblia como escritura cristã**. São Paulo: Fiel, 2013. ISSN 2965-5234

No auge dos seus 88 anos, sendo mais de 60 deles dedicados integralmente ao sagrado ministério, Graeme Goldsworthy certamente se destaca como um dos maiores teólogos bíblicos modernos. Com mestrado (MA) pela Universidade de Cambridge e doutorado (PhD) pela *Union Theological Seminary*, tem mais de quinze obras publicadas, das quais se destaca a trilogia do evangelho (*Gospel and Kingdom, Gospel and Wisdom, and The Gospel in Revelation*) e "Pregando toda a Bíblia como escritura cristã", publicado originalmente em inglês em 2000, e objeto de estudo desta resenha.

Em suas mais de 300 páginas, o autor se dedica integralmente a tarefa de relacionar três áreas distintas da Teologia: a Hermenêutica, a Homilética e a Teologia Bíblica (TB) (p.30). Sua tese central é que "*Nenhuma passagem bíblica produz seu verdadeiro significado sem referência a Jesus Cristo, em seu evangelho*" (p. 200). Embora o texto seja dividido em 21 capítulos, em cada um ele não hesita em defender sua proposição inicial, garantindo o alcance de seu objetivo.

Tal argumentação é tão intensa que nem mesmo se faz necessário uma leitura muito acurada para se perceber os vieses teológicos do Goldsworthy, que: no que diz respeito à ciência interpretativa, é um notório adepto da abordagem Histórico-Redentiva, do imortal Geerhardus Vos (p.242); na práxis querigmática, é um defensor da Pregação Expositiva, não apenas como um "sentimento" ou a estrutura do sermão escrito, mas como um método de abordagem e explanação do texto revelado (p.196); no estudo da revelação (TB), embora não haja uma afirmação tão explicita quanto os outros, pode-se dizer com certa segurança que ele pressupõe Cristo como o MITTE (p.47), posto que diferente de Kaiser, Wright e Van Groningen, suas referências à Promessa, à Missão e ao Reino, respectivamente, são deveras escassas.

Desta análise prévia, duas curiosidades podem ser destacadas: 1. Embora seja anglicano, as convicções doutrinárias do professor estão imensamente alinhadas com o que se convencionou chamar de "Fé Reformada"; 2. Destacam-se as similaridades argumentativas do autor com as do Bryan Champell, que escreveu "Pregação Cristocêntrica", e embora um não referencie o outro, ambos bebem da mesma fonte: Sidney Greidanus e, o já citado, Geerhardus Vos.

Munidos destes pressupostos, é possível traçar um panorama sintetizado do livro, que está dividido em 3 sessões: uma preliminar, que inclui a Introdução e o Capítulo 1, a teórica, que

contempla toda primeira parte do livro (p.45-216), e a prática, que abrange todo o restante. Tendo isto em mente, abre-se o caminho para um breve aprofundamento.

Nos dois capítulos iniciais, Goldsworthy busca primeiramente estabelecer as problemáticas que irá confrontar, a saber: a ausência de uma cristologia consistente nos sermões modernos, que traz "um pouquinho de Jesus", quase sempre moralizado ou alegorizado; a descontinuidade radical entre AT e NT, que faz com que muitos preguem passagens veterotestamentárias sem levar em consideração o Evangelho, e ao mesmo tempo a total ausência de descontinuidade entre o NT e o cristão moderno, que induz ao erro das correlações imediatas, como se o "evento evangélico", por exemplo, fosse algo replicável. A solução para estas problemáticas consiste na adoção de uma Teologia Bíblica profunda e eficaz, que esteja na mente do homileta quando ele se aproximar do texto, no sermão quando for preparado, e no púlpito da igreja, quando for exposto.

Para desenvolver esta argumentação, o autor se utiliza dos nove capítulos seguintes, onde discute questões teóricas relevantes, a partir de perguntas (algumas profundas, como a 5 – Jesus era um teólogo bíblico? – e outras bem óbvias, como a 9 – Posso pregar um sermão sem mencionar Cristo?). Nesta sessão ele aborda: a Bíblia como Palavra de Deus revelada e escrita (p.54), e toda ela como contexto necessário ao correto entendimento de qualquer texto (p.51); a pregação expositiva como um método de abordagem do texto (p.196), que não se conflita com a teologia bíblica, mas depende dela para interpretação correta dos tipos e sombras do passado, de modo que aponte para Cristo, e Ele como resposta final de toda esta questão.

O problema que surge durante a primeira parte do livro, é "Como colocar em prática estas instruções?" Muitas parecem demasiadamente teóricas ou inaplicáveis, e é para isso que a segunda sessão (p. 216-389) existe: o Dr. Graeme pega o leitor pela mão, e passeia por cada gênero literário da Escritura, e vai demonstrando como suas teses podem ser correta e facilmente aplicadas em cada um (isso se torna ainda mais fácil, graças aos gráficos do cap. 8). A maior preocupação dele nem é com a hermenêutica em si – embora também seja – mas com as aplicações, que tendem a ser moralistas, legalistas ou reducionistas. A solução do autor é intermediar tudo por Cristo, passando cada apontamento por Ele e pela graça, antes de chegar ao ouvinte final. Assim, o livro caminha para seu fim, não com uma Conclusão, mas com um curioso capítulo no qual o usufruto de um gênero literário no sermão não é abordado, mas a própria Teologia Bíblica. Vários cenários são suscitados, e até mesmo sermões são apresentados, então conceitos e recomendações hermenêuticas são dadas, e com isso a obra simplesmente se encerra. A tese aqui é que pode-se pregar expositivamente qualquer tema da Escritura a partir de uma teologia bíblica da mesma, e para isso ele deve atentar para como eles são introduzidos na Época Histórica, como é abordado

na Escatologia Profética e como encontra seu cumprimento final na pessoa e no ministério de Cristo. A importância da tipologia, tão falada no cap.6, agora ganha tons mais ortopráticos. Ora, todas as teses apresentadas ao longo da obra demonstram-se como válidas, extremamente embasadas, e biblicamente coerentes. Parece correto e seguro afirmar que "o mediador entre Deus e os homens", não medie apenas a salvação, mas também a revelação, e até mesmo suas aplicações para os santos. Não obstante, princípios morais podem ser extraídos das narrativas e dos provérbios aforísticos, e não há mal nisso, de modo que talvez o Dr. vá muito longe na problematização tão categórica desta ação. Notadamente sua ênfase se dá como fruto de uma preocupação com a moralização demasiada das Escrituras, com o esvaziamento do evangelho, e com a falsa equivalência (quando o ouvinte e o personagem bíblico são postas lado a lado, como iguais). A reposta para um extremo, contudo, não pode ser outro, ademais, guardadas as devidas proporções, também é possível certa medida de justaposição. Isso tudo é, como Goldsworthy coloca, controverso.

Ademais, se há algo no qual o autor peca, é a repetição, que pode cansar um pouco o leitor, mas faz parte do método pedagógico adotado por ele. Em suma, "Pregando toda a Bíblia como escritura cristã" se destaca por sua riqueza e clareza, tornando-se um livro essencial tanto para homiletas, quanto para hermeneutas e teólogos bíblicos.

Me. Guilherme Alves da Silva